

## AUTORREPRESENTAÇÃO E INTERVENÇÃO CULTURAL EM TEXTUALIDADES AFRO-BRASILEIRAS

*Florentina Souza<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este texto propõe-se discutir a produção textual escrita sobre si e seus anseios como um instrumento utilizado por escritores afrodescendentes para atuar na vida cultural e política do Brasil desde o século XIX. São postas em evidência algumas estratégias criadas para questionar as estruturas de pensamento, gosto e valor instituídas pelo sistema simbólico, bem como inserir seus capitais intelectuais e simbólicos no campo das produções intelectuais do país.

**Palavras-Chave:** escritores afrodescendentes, autorrepresentação, capital simbólico.

### SELF-REPRESENTATION AND CULTURAL INTERVENTION IN AFRO-BRAZILIAN TEXTUALITY

**Abstract:** This work intends to discuss the textual production which Afro-descendent writers in the 19<sup>th</sup> century produced about themselves and their hopes, as a way of being active in Brazilian cultural and political life. It shows some strategies created to interrogate the structures of thought, taste and values instituted by the symbolic system, as well as to insert their intellectual and symbolic capital into the field of national intellectual production.

**Key words:** Afro-descendent writers, self-representation, symbolic capital.

### AUTORREPRESENTAÇÃO Y POLÍTICA CULTURAL EN LA TEXTUALIDAD AFRO-BRASILEÑA

**Resumen:** Este artículo se propone discutir la producción de textos escritos sobre sí mismo y sus aspiraciones como una herramienta utilizada por los escritores de origen africano para trabajar en la vida cultural y política de Brasil desde el siglo XIX. Se pone en evidencia algunas estrategias creadas para el cuestionamiento de las estructuras de pensamiento, de gusto/opción y de valor simbólico impuestos por el sistema, así como adentrar en el capital intelectual y simbólico de las producciones intelectuales del país.

**Palabras claves:** escritores brasileños de África, autorrepresentação.

---

<sup>1</sup> Professora Associada do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), vice-coordenadora do Centro de Estudos Afro-Orientais (Ceao) e pesquisadora do CNPq. E-mail: florenss@ufba.br.

Sabendo que os arquivos históricos apontam de modo sistemático, ainda que discretamente, a atuação de afrodescendentes nas lutas contra a escravidão e pela inserção na sociedade brasileira, com este trabalho pretendo pontuar e discutir alguns dilemas de intelectuais negros e negras diante da necessidade constante de lidar com a ambivalência de, por um lado, produzir conhecimento e por outro lado, inserir-se em uma sociedade estruturada teórica e praticamente, de um modo que, sistematicamente, cria barreiras à legitimação de suas produções e de suas lutas. Lidando com saberes da cultura ocidental e da cultura de origem africana, impelidos a apresentar performances legitimadoras e, ainda, empenhados em projetos político-pedagógicos específicos; ou seja, vendo-se obrigados a agir em duas frentes (Hall, 1996), os intelectuais afro-brasileiros defrontam com as consequências da “dupla consciência” de que fala Du Bois (1999). Desejam produzir, circular e legitimar-se no campo dos saberes ligados à tradição ocidental e, por outro lado, produzir, fazer circular pensamentos que evidenciem uma visão crítica desses saberes e, principalmente, investir contra um dos principais móveis ideológicos do pensamento ocidental: a discriminação e a exclusão. Assim, estes intelectuais negro/as criam estratégias para questionar as estruturas de pensamento, gosto e valor instituídas pelo sistema simbólico, bem como inserir seus capitais intelectuais e simbólicos no campo das produções intelectuais do país, intervindo na vida político-cultural brasileira. Uma tentativa que tem como resposta, na maioria das vezes, o “emparedamento”, o descaso e a indiferença descritos e ressaltados pelo poeta Cruz e Sousa no final do século XIX:

Nos países novos, nas terras ainda sem tipo étnico absolutamente definido, onde o sentimento d'Arte é silvícola, local, banalizado, deve ser espantoso, estupendo o esforço, a batalha formidável de um temperamento fatalizado pelo sangue e que traz consigo, além da condição inviável do meio, a qualidade fisiológica de pertencer, de proceder de uma raça que a ditadora ciência d'hipótese negou em absoluto para as funções do Entendimento e, principalmente, do entendimento artístico da palavra escrita e continua apontando os tipos de pedra que lhe impedem de concretizar seus sonhos.

Artista! Pode lá isso ser se tu és d'África, tórrida e bárbara, devorada insaciavelmente pelo deserto, tumultuando de matas bravias, arrastada sangrando no lodo das Civilizações despóticas, torvamente amamentada com o leite amargo e venenoso da Angústia (....)

Artista?! Loucura! Loucura! Pode lá isso ser se tu vens dessa longínqua região desolada, lá no fundo exótico dessa África sugestiva, gemente, Criação dolorosa e sanguinolenta de Satãs rebelados... (Sousa, 1995, p. 672).

O poeta Cruz e Sousa e o escritor Lima Barreto constituem exemplos marcantes do modo como a crítica ou as elites rechaçam a participação de intelectuais negros em espaços que elas entendem como de sua propriedade. A historiografia crítica literária aponta em ambos “defeitos de cor”. O primeiro, segundo a crítica, “esquece” de suas origens e restringe-se a falar do branco,

alvuras e etereidades. Esta mesma crítica, que atribui ao poeta epítetos como Cisne Negro, Poeta Negro, Príncipe Negro,<sup>2</sup> “esquece” de catalogar os seus poemas abolicionistas, deprecia o texto o *Emparedado*, obra-testamento confessional, confere tom de impropriedade à sua linguagem preciosa (um traço presente no estilo estético hegemônico na época) e aponta, vez por outra, as dificuldades financeiras e de inserção enfrentadas pelo poeta. Assim pontua o estudioso Tasso da Silveira sobre a relação da crítica com o escritor: “Em verdade, quase que desde o primeiro momento o gênio do Poeta Negro foi, senão propriamente reconhecido, pelo menos, ‘sentido’ por umas poucas inteligências generosas” (Coutinho, 1979, p. 31) Por outro lado, Lima Barreto é sobejamente caracterizado pela crítica como “ressentido” e descuidado com a linguagem. O escritor Alfredo Bosi, mesmo ao elogiar Lima Barreto, assim se expressa: “O ressentimento de mulato enfermiço e o suburbanismo não o impediram, porém, de ver e de configurar com bastante clareza o ridículo e o patético do nacionalismo tomado como bandeira isolada e fanatizante” (1977, p. 357).

Os escritores anteriormente citados podem ilustrar que para a tradição intelectual brasileira nem as mulheres nem os homens afrodescendentes podem/sabem falar de si. Eles/as e suas culturas são objetos de diversas pesquisas festejadas, porém as suas vozes são/serão ouvidas apenas na medida em que atendem “à objetividade” de alguma pesquisa ou pesquisador/a. São históricas as raízes deste imaginário na cultura brasileira: o trabalho intelectual no Brasil sempre foi visto como atividade praticamente exclusiva das elites culturais. Pés e mãos dos senhores para fazer, andar e construir eram/são os negros, enquanto que a cabeça e todo o simbolismo que ela carrega na tradição ocidental eram/estão restritos ao branco, isto é, ao homem branco, senhor de terras, mulheres, escravos, artes e saberes.

O negro escravizado deveria restringir-se ao trabalho manual, mas não foi isto que aconteceu. Alguns afrodescendentes buscaram a atividade intelectual como via de luta e assumiram o que Said propõe como função intelectual, “levantar questões embaraçosas em público, confrontar ortodoxias e dogmas” (2000, p. 28). Nesta perspectiva, fizeram-se/fazem-se intelectuais, escritores, políticos, homens públicos, jornalistas, compositores populares, mães de santo, que se propuseram/propõem a elaborar representações de si e de suas culturas e discuti-las em espaços que extrapolam o limite do privado.

---

<sup>2</sup> Na fortuna crítica de Cruz e Sousa organizada por Afrânio Coutinho e publicada em 1979, encontramos 24 textos e 7 deles, já nos seus títulos, referem-se à afrodescendência do poeta.

No século XIX e até início do século XX, o conceito de intelectual usado, na maioria das vezes, excluía indivíduos autodidatas que atuavam na vida cultural e política, mas que não tinham obtido o aval das instâncias legitimadoras ou não tinham um nome ou posição social que o substituísse. Hoje, para alguns setores da intelectualidade, segundo ainda Said, “todo aquele que trabalhe num qualquer campo, quer ligado à produção quer à distribuição de conhecimentos é um intelectual na acepção de Gramsci” (*Idem, ibidem*, p. 26-27).

Negros e negras, no século XIX, buscaram, por meio de suas ações e intervenções muitas vezes limitadas por conta de sua posição étnico-social, participar dos debates políticos de seu tempo e principalmente forçaram brechas no sistema escravista com o intuito de redimensionar o sentido de liberdade e garantir alguns direitos para si e para o seu grupo. Os quilombos, as revoltas, as pequenas insubordinações são algumas das situações que ilustram este trabalho; entretanto, raras vezes, fala-se da educação, da escrita em jornais, revistas e livros como atividades de rejeição tácita à coisificação<sup>3</sup>. Segundo, Paul Gilroy (2001), o trânsito aconteceu no passado e acontece ainda hoje em grande parte do Atlântico Negro – através das viagens e exílios, trânsitos, dos textos e das vidas Du Bois, Delany e, acrescento, Antônio Rebouças, Luiz Gama, Maria Firmina do Reis, José do Patrocínio, Manoel Querino, Correia Leite, Francisco Barbosa, Guerreiro Ramos, Abdias dos Nascimento, Solano Trindade, entre outros e outras construíram discursos pautados pela necessidade de inserção. Tais discursos eram principalmente pautados pela necessidade de alterar o modo como os negros eram vistos e configurados por um sistema político e de representação que os apresentava como racialmente destinados à exclusão da vida pública e dos direitos civis. Podemos afirmar que, de diferentes modos, viveram todos eles o drama da “dupla consciência”, descrito por Du Bois como: “sensação de estar sempre a se olhar com os olhos dos outros, de medir sua própria alma pela medida de um mundo que continua a mirá-lo com divertido desprezo e piedade. E sempre a sentir sua duplicidade (...); duas almas, dois pensamentos, dois esforços irreconciliados; dois ideais que se combatem em um corpo escuro cuja força obstinada unicamente impede que se destroe” (1999, p. 54).

Vivendo com as tradições de ocidentais e africanas ou de origem africana, o intelectual negro no Brasil defrontou-se com inúmeras situações de ambivalência e hesitação para decidir como lidar

---

<sup>3</sup> Vale destacar que vários estudos tem sido realizados na contemporaneidade sobre negras/negras que individual ou coletivamente insubordinaram-se contra a escravização e a depreciação, a exemplo de *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*, de Wlamyra Albuquerque (2009), ou ainda *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*, de Walter Fraga Filho (2006), para citar alguns.

com esse drama. Às vezes insurgiu-se publicamente, em outras negociou de modo menos agressivo seus espaços. Como acentua Keila Grinberg ao falar de Antônio Rebouças (2002, p. 35), é no mínimo curioso que muito do que se tem registrado sobre esses escritores é intensamente marcado pela parcialidade, pois que redigido por seus adversários políticos e/ou pessoas que não aceitavam que tais indivíduos pretendessem desestabilizar o sistema de representação ou se colocassem como capazes de pensar, agir e atuar em uma sociedade racializada, que os via como presos ao sistema de representação depreciativo. Com efeito, a insubmissão de intelectuais afrodescendentes ao modelo de representação gerou inimigos que não hesitavam em detratá-los e desprestigiar seus trabalhos. Para muitos desses intelectuais negros, o caminho de inserção no mundo político do Brasil estava nos jornais, veículo de divulgação mais acessível e por isto mais utilizado. Talvez por esta razão, muitos negros, no século XIX e XX, fizeram dos jornais tribuna privilegiada para divulgar as idéias que ruminavam, algumas vezes solitariamente. Antônio Rebouças, por exemplo, desde a década de 1820, dirigia e escrevia para o jornal de sua propriedade *O Bahiano*. Ou ainda Luiz Gama, que, desde a década de 1860, publicava no *Correio Paulistano* e fundou junto com outros o *Diabo Coxo*, semanário informativo, crítico e humorístico. Houve também Maria Firmina dos Reis, que, sendo professora primária aprovada em concurso no ano de 1847, escreveu em vários jornais maranhenses e publicou o romance *Úrsula*, além de contos. Outro exemplo a ser recapitulado é o de José do Patrocínio, redator do jornal abolicionista *Gazeta de Notícias*, na década de 1870, (segundo Murilo de Carvalho, em coletânea de 1996, Patrocínio “passou a ser redator do jornal abolicionista a *Gazeta de Notícias* de Ferreira Araújo em 1877”), na década seguinte adquire o jornal *Cidade do Rio*. A produção do intelectual abrange ainda participação em outros jornais e a publicação de três romances. Vale ressaltar que as biografias destes autores e os seus textos não são registradas com entusiasmo pela historiografia literária e são dificilmente encontrados em bibliotecas ou arquivos – fato que só aumenta a dificuldade de inseri-los em outros cânones.

Vê-se, pois, que a produção escrita constituiu-se estratégia utilizada por alguns afrodescendentes com vistas a atuar nos universos seletos, restritos aos membros das elites políticas do país. Evidentemente, todos os intelectuais negros do século XIX cujas atividades são hoje conhecidas podem ser vistos como indivíduos fora do lugar, indivíduos que furaram o cerco determinista da ciência, pensamento e das práticas de todo século XIX. A visibilização desse tipo de informações e as pesquisas sobre escritores do século XIX e dos séculos posteriores, entretando, são importantes para fundamentar ações que promovam um dessasujeitamento dos saberes e constituam

“um projeto de inserção dos saberes na hierarquia do poder próprio da ciência, uma espécie de empreendimento para dessujeitar os saberes históricos e torna-los livres, i. e. capazes de oposição e luta contra a coerção de um discurso teórico universal, formal e científico” (Foucault, 1999, p. 15). Na contemporaneidade, estes intelectuais podem compor um corpo de valores históricos imprescindíveis de serem estudados por quem deseja entender os processos de formulação da comunidade imaginada como Brasil.

Os dilemas do intelectual afrodescendente que se apresenta como tal no Brasil não se constituem novidade; outros, por todo o século XX, provenientes de outras áreas do Atlântico Negro, falam do dilema, da solidão e das dificuldades de firmarem-se como intelectuais negros.<sup>4</sup> Isso não significa que eles não tenham tentado, individual ou coletivamente, articular ações que viabilizassem escapar da fixidez da discriminação, porém as teias costuradas pela sociedade, mais especificamente por representantes das elites culturais impediram que muitas das tentativas tivessem maior alcance. Sociedade Protetora dos Desvalidos, sociedades abolicionistas, clubes carnavalescos de temáticas africanas, os clubes recreativos e culturais, os terreiros de candomblé, a Frente Negra Brasileira, o Teatro Experimental do Negro, a União dos Homens de Cor, o Teatro Popular Brasileiro e muitos outros grupos e organizações precisam ser vistos e estudados como marcos fortes das estratégias utilizadas pelos movimentos dos negros para ingressar no universo da sociedade brasileira, por meio da arte, da política, das lutas sociais. Movimentos que desdobraram-se em blocos afros, grupos de estudos, projetos sociais, pré-vestibulares para negros, movimentos de quilombolas, entre outras formas de luta da contemporaneidade.

Em vários momentos, principalmente no pós-abolição, o intelectual negro acreditou que a falta de preparo para o trabalho era o motivo de sua exclusão, e investiu na formação educacional e no aprendizado de rituais e normas do bem comportar-se e do bem falar então vigentes. A almejada inserção não ocorreu, pelo menos da maneira como a maior parte deles desejava. Foram tentadas vias diversas, de orientação integralistas, marxistas, socialistas e podemos observar que, mesmo partindo de vias teóricas e práticas diferenciadas, os intelectuais afro-brasileiros e suas produções acabavam “esquecidos”, ignorados, tratados como fora do lugar. Alguns viram na militância uma forma de luta coletiva explícita, outros viram no “esquecimento” da condição étnica um caminho individual para destruir o racismo. Todos em algum momento verbalizaram nos textos ou em depoimentos a vivência do dilema da dupla consciência. Do século XIX ao XX, Antônio Rebouças,

---

<sup>4</sup> A este respeito ver os textos de Cornel West (1999) e bell hooks (1995).

Luis Gama, Maria Firmina dos Reis, José do Patrocínio, André Rebouças, Lima Barreto, Correia Leite, Arlindo Veiga dos Santos, Guerreiro Ramos, Martiniano Bonfim, Lélia Gonzáles, Beatriz do Nascimento, por exemplo, viveram a afrodescendência de modos diferenciados e suas histórias são ainda hoje marcadas por uma sensação de barreiras e exclusão.

Se lermos depoimentos de Guerreiro Ramos, Abdias do Nascimento ou Milton Santos, intelectuais de momentos e de formação diversificados, percebemos como eles analisam suas posições como parte da vida intelectual prestigiada. Os seus conflitos podem ser lidos na chave do que pontua Cornel West em “O dilema do intelectual negro”, abordando a situação dos afro-americanos: “a escolha de tornar-se um intelectual negro é um ato de auto-imposição da marginalidade” (West, 1999, p. 302). Por outro lado, West acredita que cabe ao intelectual negro propor novos regimes de verdade, novas formas culturais que desestabilizem as verdades da civilização ocidental. Só assim será possível agir como intelectual insurgente, crítico e propositivo, atento às suas ligações com as múltiplas tradições que compõem as suas identidades culturais.

Interessa-me investigar os modos como os intelectuais que hoje classificamos como afrodescendentes vivenciaram e interpretaram esta afrodescendência:

- Quais as estratégias que usaram para falar/não falar da afrodescendência?
- Que relações estabeleceram com a vida política brasileira? Quais suas contribuições para pensar o Brasil?

Para responder parcialmente a estas questões faz-se necessário um estudo de nomes e textos produzidos pelos afrodescendentes no Brasil, muitos deles à margem dos cânones privilegiados... Manoel Querino, um exemplo de intelectual que não passou por todos os rituais de legitimação da academia, dedicou-se intensamente ao estudo e à publicação de textos sobre a arte baiana e também sobre a atuação dos negros na formação da vida cultural país. Nascido na Bahia, segundo Gledhill (2008), aprendeu a pintar por influência de seu tutor, que, conhecendo as dificuldades de inserção na vida social baiana e brasileira do século XIX, o levou a aprender a arte, já que para os afrodescendentes naquela sociedade os trabalhos manuais consistiam quase que a única saída para a sobrevivência cotidiana. Assim, após prestar serviços na Guerra do Paraguai, ainda segundo seus biógrafos (Calmon, 1995 e Sodré 2001), foi aluno fundador do Liceu de Artes e Ofícios, onde, mais tarde foi professor; aluno da Escola de Belas Artes em 1877; licenciou-se em desenho e lecionou

ainda no Colégio dos Órfãos de S. Joaquim. Participou ativamente da vida política de sua época, ingressou nos movimentos abolicionista, republicano e operário, fez parte da Sociedade Libertadora Baiana, escreveu em vários jornais como *A Província* e *O Trabalho*, e participou da Liga Operária Baiana. No desejo de constituir, para sua época, uma genealogia de intelectuais negros, lista no seu livro *A raça africana e seus costumes* uma série de pequenas notícias biográficas de “Homens de cor preta na história”.

Alguns estudiosos apontam o papel de intelectuais negros como Martiniano Bonfim (informante de Nina Rodrigues) e de Manuel Querino como meros catalogadores, outros reconhecem o papel de iniciadores de um processo de valorização da cultura afro-brasileira, assim como registram os limites impostos pelos discursos e práticas excludentes das vidas intelectual e acadêmica no Brasil. Um fato é que, até meados do século passado a valorização dos trabalhos de autores afro-brasileiros como produção intelectual foi mínima. Por outro lado, a dificuldade de assumir-se negro/afro-descendente em um espaço definido como da democracia racial pode ter levado alguns escritores a evitar o tema em seus trabalhos, entretanto, a intelectualidade brasileira sempre esteve a postos para, quando lhe interessava, lembrar ao intelectual negro que não era cega ao seu lugar étnico-racial, fosse para “elogiá-lo” por ser “negro de alma branca”, ou para depreciá-lo por adentrar em área que não deveria ser a sua.

Guerreiro Ramos, sociólogo de formação, escreve, em 1956, a *Introdução crítica à sociologia brasileira*, em que toma a sua posição étnica como tema de pesquisa e bandeira de luta, no campo das ciências sociais. Um dos seus primeiros trabalhos, o livro *O drama de ser dois* pode ser lido com definição do modo como se sentia na sociedade brasileira. Em entrevista, ele afirma: “o livro realmente revela toda a minha história. O drama de ser dois é um livro em que confesso o meu desconforto permanente com o mundo secular (Ramos *apud* Oliveira, 1995, p. 94). No rememorar de sua história pessoal, ressalta que, quando foi preso, registraram em sua ficha: Alberto Guerreiro Ramos, mulato metido a sociólogo”. Ao avaliar sua vida e trabalho, Ramos afirma: “eu me meti no negócio do teatro [Teatro Experimental do Negro (TEM)] e me prejudiquei, inclusive politicamente, porque eu era um sujeito bem colocado, e as pessoas passaram a dizer que eu me misturei com negro...” (*Idem, ibidem*, p. 174). Vale destacar que Ramos é tido como um dos fundadores do TEN juntamente com Abdias do Nascimento, tendo escrito em quase todos os números do jornal do grupo, *O Quilombo*. Seus textos privilegiaram o tema da questão étnico-racial no Brasil. Por exemplo, nas

conclusões de sua conferência sobre contatos raciais no Brasil, feita por ocasião da visita de um representante do *The Pittsburgh Courier*, jornal da imprensa negra estadunidense, Ramos afirmou:

No Brasil, não há linha de casta. Na medida em que o homem de cor assimila os padrões da cultura da classe dominante, ele é tratado de maneira frontal, muito embora se registre uma forte tendência, entre os brancos, para evitar relações frontais com homens de cor em situações ornamentais e de aceção estética (diplomacia, salões elegantes, casamentos, Escolas Militares etc.) (*O Quilombo*, n. 1, 9 de dezembro de 1948, p. 8).

Mesmo assim, foi por muito tempo “desprezado” no campo das ciências sociais e só muito recentemente sua obra voltou a ser editada e relida.

Já Abdias do Nascimento, economista de formação, contemporâneo de Guerreiro Ramos, tem a sua vida associada aos debates e produções sobre o negro. Nos seus depoimentos e entrevistas e em seus trabalhos intelectuais, alia reflexão acadêmica e intelectual e militância. O referido jornal *O Quilombo*, foi por ele dirigido entre 1948 e 1950, tendo entre os objetivos programáticos:

3 – lutar para que, enquanto não for tornado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos estudantes negros, como pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos particulares e oficiais de ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares( *O Quilombo*, n. 1, 9 de dezembro de 1948, p. 3)

Hoje, com mais de 90 anos de idade, Abdias tem sido homenageado por várias agremiações intelectuais e acadêmicas, e a sua produção intelectual tem sido objeto de vários estudos. Felizmente, tem tido a oportunidade de presenciar o reconhecimento de sua obra, o que não é regra geral para intelectuais e escritores negros no Brasil.

Estas considerações preliminares conduzem a duas constatações iniciais: os intelectuais do século passado muitas vezes tiveram suas produções esquecidas, não legitimadas pelos rituais de formação dos cânones intelectuais brasileiros; no século XXI, quando as reflexões teóricas apontam para uma visão de trabalho do intelectual negro concebido tanto como participação quanto como intervenção na vida política e cultural, algumas das produções de escritores negros/as são reconhecidas pelos setores de regulação do cânone e vêm alterando o sistema de representação dos afrodescendentes e suas culturas.<sup>5</sup> Situação que além de revelar uma série de contradições nos

<sup>5</sup> A exemplo de Leda Maria Martins com o livro *Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá* (1997); Edimilson Pereira e Núbia Pereira Gomes com *Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira* (2001); Nilma Lino Gomes e o livro *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* (2006), Luiz da Silva Cuti em *Consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e Lima Barreto* (2009), entre vários outros livros, teses e dissertações.

modos dos intelectuais afrodescendentes conceberem raça/etnia, viabiliza também que seja repensado o chamado “mito” da democracia racial brasileira.

Recorrendo às várias formas de arte, muitos dos africanos escravizados e seus descendentes conseguiram constituir redes coletivas e individuais de resistência à coisificação do sistema. Mãos, vozes, corpos, habilidades cognitivas e performáticas foram utilizadas como produtores de manifestações artísticas no campo da pintura, escultura, música, dança, religião e literatura, que constituem traços culturais de destaque nos espaços da diáspora africana. O estudioso Emanuel Araújo, no seu livro *A Mão Afro-Brasileira* (1988), corrobora com este pensamento quando afirma que o início da produção artística no Brasil coincide com a chegada dos negros escravizados que aqui se destacaram como escultores, talhadores, pintores e músicos, reconfigurando, de acordo com a realidade local, os estilos, técnicas e saberes que atravessaram o Atlântico como memória viva. É importante reiterar que os africanos oriundos dos vários grupos étnicos trocaram e adaptaram aqui as experiências e saberes no trato com ferro, madeira, plantas, cores e sons e viram na arte um meio de reproduzir suas identidades culturais e sua humanidade sob o regime da escravização. Inseriram, mesmo nas produções com explícito vínculo com as tradições européias, traços, elementos e marcas das suas culturas. Estas expressões culturais funcionavam como gritos lancinantes de reação à invisibilização individual e cultural imposta.

As histórias da cultura e da arte afrodescendentes podem ser lidas como um ponto de convergência de experiências dolorosas e alegres e testemunho da história que continuamente se refaz na contemporaneidade como provas de que os seres humanos veem a cultura e suas expressões como elementos organizadores de suas vidas e das relações que estabelecem entre si e através dela tentam, como sujeitos, apropriar-se do sistema de representação, inserindo ali suas marcas, seus traços, suas melodias. Colocam-se como estandartes de si e de suas culturas, na proposta do poeta Luis da Silva Cuti:

### **Porto-me estandarte**

Minha bandeira minha pele

Não me cabe hastear-me em dias de parada  
Após um século da hipócrita liberdade vigiada  
Minha bandeira minha pele

Não vou enrolar-me, contudo  
E num canto  
Acobertar-me de versos

Minha bandeira minha pele  
Fincado estou na terra que me pertença  
Fatal seria desertar-me  
Alvuras não nos servem como abrigo

Miçangas de lágrimas  
Enfeitam o país  
Das procissões e carnavais

Minha bandeira minha pele

De resto  
É gingar com os temporais (Cuti, 2002, p. 46).

Artistas e intelectuais afro-brasileiros *portaram-se e portam-se estandartes*, parafraseando o poeta, para constituir um circuito de negociações, trânsitos, trocas e entrelaçamentos de suas expressões culturais com vistas a forjar perfis identitários que rasurem os sistemas de representação hegemônicos, de modo que suas expressões culturais sejam apreciadas a partir de outra base ideológica que não a da espetacularização vazia e/ou da estereotipia depreciativa. Por outro lado, as várias textualidades indicam também o desejo de participar de outro *front* para além de atuar no sistema de representação;<sup>6</sup> o desejo de criar políticas de representação que desloquem e reconfigurem as relações entre as várias estratégias culturais com vistas a atuar diretamente nos vários setores institucionais de poder

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Wlamya R. de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ARAÚJO, Emanuel (org.). *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo: Tenenge, 1988.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.
- CALMON, Jorge. *O vereador Manuel Querino*. Salvador: Câmara Municipal, 1995.

<sup>6</sup> Ver Hall (1996). Embora o autor fale da realidade britânica, sua ênfase na experiência negra como uma experiência de diáspora permite que nos apropriemos de suas idéias para pensar questões relativas às experiências de afro-brasileiros.

COUTINHO, Afrânio (dir.). *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979 (Coleção Fortuna Crítica).

CUTI, Luiz da Silva. *Consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e Lima Barreto*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. *Sanga: poemas*. Belo Horizonte: Mazza, 2002.

DU BOIS, William Edward Burghardt. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: UCAM, 2001.

GLEDHILL, Helen Sabrina. Manuel Querino: um pioneiro e seu tempo. Salvador, 2008. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/2811193/Manuel-Querino-Um-pioneiro-e-seu-tempo-atualizado-em-010508>. Acessado em: julho de 2010.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antônio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HALL, Stuart. New Ethnicities In: BAKER *et alii*. *Black British Cultural Studies: a reader*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1996, p.163-172.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. *Revista de Estudos Feministas*, ano 3, n. 2, 1995, p. 464-478.

MARTINS, Leda. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A sociologia do guerreiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.